

Aforreferenciamento do currículo por intermédio dos *status* científicos presentes na música *Corra do rapper Djonga*

Ruan Mascarenhas Gorni - UFRJ

Orientadora do trabalho - Adriana Patrício Delgado - UFRJ

RESUMO

A presente pesquisa resulta de um trabalho avaliativo realizado na disciplina de Didática cuja proposição era a elaboração de um texto articulando leituras indicadas no Plano de Curso com um elemento externo que, no caso, se deu com a música *Corra*, do *rapper* Djonga. Nessa direção, objetiva-se defender os *status* científicos presentes na música *Corra do rapper* Djonga, integrando o conteúdo curricular com vistas a empretecer o pensamento da escola e incorporar nas práticas pedagógicas docentes, não apenas como um recurso didático, mas como um saber que transversalize os demais saberes disciplinares. O problema de pesquisa se materializa nas seguintes perguntas: em quais fragmentos da letra da música *Corra* é possível estabelecer articulações com as categorias de diferenças culturais, interculturalidade e pertencimento? Como o *rapper* pode assumir *status* científico e se incorporar nos currículos escolares? A metodologia consiste na análise minuciosa e fundamentada na letra da música *Corra* em diálogo com as categorias de interculturalidade e diferenças culturais (Candau, 2012 e 2020) e currículo aforreferenciado e pertencimento (Machado e Petit, 2020), integrada a defesa de que o *rapper* seja legitimado como um dos saberes científicos que compõem os currículos escolares, integrando os Planos de Ensino dos docentes tanto da educação básica quanto da universidade. Por fim, considerando que o estudo está em andamento, é possível dizer que Djonga, em suas músicas, nos convoca a inversão do *modus operandi* racista na sociedade e a inserção da comunidade preta nos cotidianos escolares.

Palavras-Chave: Rapper; Currículo Aforreferenciado; Diferenças Culturais.

INTRODUÇÃO

A monoculturalidade invisibiliza a pluralidade dos sujeitos que por possuírem saberes de maneira distinta ao cânone adjetiva-os de déficit cultural. Conceber o sujeito negro em posição de autoridade para falar das complexidades que o cerca e principalmente para ser capaz de entender que há maneiras diferentes de chegada ao conhecimento científico, não é de interesse daqueles que são detentores do poder. Em sua maioria, os responsáveis pela elaboração das ementas das disciplinas, Planos de Aula, de Ensino e de Curso, são homens e brancos o que resulta, em estudos e procedimentos escolares que se distanciam de muitas maneiras, dos sujeitos negros. Por esse currículo contemplar uma única cultura ocorre a desvalorização das diferentes maneiras de se chegar ao dado conhecimento e uma

estigmatização nas suas formas e conteúdos. Surge então, a partir dessas reflexões, a necessidade de conceber as diferenças como uma “vantagem pedagógica” para a comunidade

preta escolar, a partir de um currículo que insira e pertença também ao aluno negro. Candau (2020) faz referência a este termo ao tratar do reconhecimento da diferença como vantagem pedagógica. “A autora identifica diversos modos como se pode encarar as diferenças: negar, silenciar, tolerar, considerar um mal necessário ou celebrá-la como um bem em si. Estas posturas estão presentes no cotidiano escolar.” (*idem, ibidem, p. 43*).

A escola enquanto estrutura de poder necessita de uma reconfiguração para desvencilhar-se de uma mente colonizada, que por consequência, direciona o currículo para uma excessividade de culturas européias e um apagamento das culturas de África. Propõe-se aqui, baseado em Machado e Petit (2020) um currículo que seja afrorreferenciado, isto é, que “[...]traga uma perspectiva epistemológica plural, diversa e que tem o diálogo entre os saberes como preponderante., concebendo os saberes como horizontais, ou seja, diferentes e não melhor ou pior, inferior ou superior, não!” (p. 10). Experimentar, conhecer e transformar.

Nos livros didáticos o continente africano tende a aparecer como um "país" e não um continente sendo composto por pessoas em situação de miséria e constante estado de guerra, imaginário da barbárie. Precisa-se sair da visão de uma história única (Adichie, 2019), e uma maneira para tal é a musicalidade, visto que a música possui uma capacidade de mover e atravessar as pessoas com questionamentos, memórias, afetos que tem por consequência o pertencimento.

PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa se expressa nas seguintes perguntas: em quais fragmentos da letra da música Corra é possível estabelecer articulações com as categorias de diferenças culturais, interculturalidade e pertencimento? Como o *rapper* pode assumir *status* científico e se incorporar nos currículos escolares? As respectivas indagações vão sendo, em parte, acolhidas pelos estudos Candau (2012 e 2020), ao conferir aos diferentes sujeitos da escola, no caso em questão os sujeitos negros, não mais um olhar estigmatizante aos seus saberes, mas sim uma concepção das diferenças e pluralidades na perspectiva da vantagem pedagógica. Corra é o objeto do *corpus* deste trabalho, visto que canção assume a um posicionamento político para com o afrorreferenciamento dando maneiras e voz para a inserção/pertencimento do sujeito negro no cotidiano escolar.

OBJETIVO

Nessa direção, tem-se como objetivo defender os *status* científicos presentes na música Corra do *rapper* Djonga, integrando o conteúdo curricular com vistas a empretecer o pensamento da escola e se incorporar nas práticas pedagógicas docentes, para além de um recurso didático, mas como um saber que possa transversalizar os demais saberes disciplinares. Decorrente deste objetivo mais amplo, tem-se como objetivo específico identificar como estudantes do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), se sentem pertencentes ao espaço escolar por meio do uso de músicas do rap e investigar que relações os estudantes secundaristas estabelecem entre o rap e os conteúdos de história.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia consiste em um primeiro momento na análise minuciosa e fundamentada na letra da música Corra em diálogo com as categorias de interculturalidade e diferenças culturais, a partir dos estudos de Candau (2012 e 2020), e currículo aforreferenciado e pertencimento pelos estudos de Petit e Machado (2020) na defesa de que o *rapper* seja legitimado como um dos saberes científicos que compõem os currículos escolares e seja incorporado nos Planos de Ensino dos docentes da educação básica e das universidades. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa bibliográfica pelo estudo dos e dos autores e autoras referenciados, que, no caminho, assume-se como pesquisa empírica, sendo o campo de pesquisa, o CAP-UFRJ e os sujeitos de pesquisa os estudantes secundaristas. A pesquisa de campo se realizou por meio do instrumento questionário, no formato *google forms*, contendo questões fechadas e abertas. No momento que a pesquisa se encontra já foram coletados dados com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, os quais serão apresentados na próxima Seção.

Como consiste em uma pesquisa que encontra-se em andamento, está em fase de coleta de dados dos estudantes do 1º e 3º do Ensino Médio com vistas a cotejar seus saberes, interesses e percepções nos três anos que compõem o Ensino Médio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente momento do texto tem-se a exposição dos dados oriundos do questionário, contendo 11, sendo 9 fechadas e 2 abertas. Após uma aula ministrada na qual o conteúdo era a pesquisa em questão, a professora regente da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura do 2º ano do Ensino Médio CAP-UFRJ, que ficou responsável pelo envio do *link* do formulário aos 40 estudantes por meio do grupo de *Whatsapp* em que obteve-se 11 respostas. .

A primeira pergunta teve o intuito de saber em qual segmento da educação básica houve o ingresso dos estudantes no Colégio de aplicação, tendo os seguintes dados: sete ingressaram no Ensino Médio, dois no Ensino Fundamental I e dois no Ensino Fundamental II, ou seja, a maioria ingressou recentemente. A indagação sobre idade mostrou um equilíbrio, onde sete estudantes têm 16 anos, três deles têm 17 anos e apenas um 18 anos. O equilíbrio mantém-se quanto ao gênero, com sete alunas e quatro alunos. A quarta pergunta visou identificar, com vistas a traçar um perfil sociográfico, qual era a faixa de renda dos estudantes e mostrou que quatro estudantes estão entre a faixa de um a dois salários mínimos, seis estudantes entre três e cinco salários mínimos e apenas um estudante na faixa de até um salário mínimo. Concernente ao processo de heteroidentificação, cinco se declararam brancos, quatro pardos e dois se declararam negros.

Em relação aos hábitos, costumes, preferências, uma das perguntas era sobre qual ritmo musical eles mais se identificavam, tendo como resultado o dado de que a maior parte prefere músicas afrodiáspóricas como o *rap* e seus diferentes estilos e samba, com a exceção de um aluno que respondeu gostar do ritmo sertanejo e k-pop.

Em relação às perguntas subjetivas, as respostas foram na mesma direção. Ao serem perguntados se já houve discussão de *rap* em outras ocasiões na escola e em quais disciplinas isso ocorreu, os 11 estudantes direcionaram para as disciplinas de História, Literatura e Língua Portuguesa, com exceção de um que incluiu música. Em referência a idas a eventos e espaços culturais como *shows*, museus e outros locais, dois alunos disseram que não têm o



CONTRIBUTO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

hábito de ir. A décima questão abordava sobre que conceito de história do Brasil é possível ser tratado e entendido a partir do rap e solicitava que explicassem o porquê.

Todas as respostas se direcionaram aos temas abordados na disciplina de História do Brasil, como: escravização, racismo e vida cotidiana do povo periférico. Para complementar, apresenta-se na íntegra a resposta do aluno 3: *"Pelo rap conseguimos ver mais sobre a cultura negra, que é constantemente silenciada e marginalizada, com essa forma de música conseguimos nos conectar com histórias do passado de pessoas que sofreram tanto, e entender o porquê o racismo é estrutural, e não em casos isolados"*. A última questão visava saber dos participantes se o rap poderia ser implementado de maneira efetiva ao currículo e, de modo unânime, os estudantes sinalizaram de maneira positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contar deste momento, ter-se uma didática ideal passa por conceber, dentro das escolas, a cultura do rap como uma vantagem pedagógica capaz de dialogar com assuntos importantes para a formação de um cidadão, há o pertencimento e uma referência/representação/ além dos preconceitos instaurados para a comunidade preta e a sua cultura afro diaspórica. Ao meu ver, Djonga trabalha na lógica de inverter alguns moldes operantes racistas vigentes na construção da história brasileira. Pensar essa música, em sala de aula, seria essencial para que haja a inserção da comunidade preta escolar. Conseguir enxergar além dos livros de história é criar um senso crítico potente para a formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CANDAU, Vera. Didática: Didática novamente em questão: fazeres-saberes pedagógicos em diálogos, insurgências e políticas. In: CANDAU, Vera; CRUZ, Giseli Barreto da; FERNANDES, Claudia. **Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática crítica e intercultural** - aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORRA. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcJ9oxMj6JI>



CONTRÓ NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**. Santarém/ PA, vol. 10, p. 01-31, 2020.